

# EM DEBATE

## OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um Periódico do Grupo de Pesquisa "Opinião Pública:  
Marketing Político e Comportamento Eleitoral"

Ano 2 - N. 10  
Outubro de 2010  
ISSN: 2176-4883



### DOSSIÊ

## O PRIMEIRO RECADO DAS URNAS: LEGISLATIVO, GOVERNO E AGENDA DE CAMPANHA

Paolo Ricci  
Fernando Guarnieri  
Maurício Michel Rebello  
André Borges  
Glauco Silva  
Alan Freire de Lacerda  
Heloísa Dias Bezerra

### Opinião

Eduardo Meira Zauli

### Resenha

Moritz Lohe



## O BRASIL QUE SAIU DAS URNAS SOBREVIVERÁ ÀS INTERROGAÇÕES?

*Will the Brazil that came from polls survive the interrogations?*

Heloísa Dias Bezerra

*Universidade Federal de Goiás – UFG*

✉ diasbezerra.h@gmail.com.br

A campanha eleitoral de 2010 passou ao largo do entusiasmo de outras campanhas. Aquilo a que chamávamos militância preferiu os palanques eletrônicos e a tranqüilidade da casa às manifestações barulhentas das ruas. A campanha profissionalizada requer dedicação exclusiva e panfleteiros remunerados. Será que se foi o tempo de eleições com ruas cheias de militantes esperançosos, aguerridos na defesa de suas idéias, mas felizes e entusiasmados? E os jovens, cara pintada de alegria e bom humor, que povoavam as ruas e dançavam ao som de velhas e novas canções de protesto?

Perplexo, o Brasil saiu das urnas no dia 03 de outubro mais carente de respostas do que certezas. Milhares de eleitores escolheram o palhaço Tiririca e abraçaram a suposição de que a política não pode ficar pior do que já está, afinal, o que poderia ser mais deletério do que tanta corrupção, tanta mentira? O que poderia ser mais inaceitável do que a mordomia dos atuais representantes que encontram na atividade política um caminho para fazer fortuna, para ludibriar o contribuinte? Se a desilusão é tamanha e os fatos mostrados cotidianamente pela mídia comprovam que político é tudo igual e da pior qualidade, então nada melhor do que alguém para fazer palhaçada e alegrar um pouco a vida dos desiludidos que assolam nosso triste país.

Ao menos o palhaço pode nos fazer rir e sua eleição atesta que realmente vivemos em uma democracia, afinal, se uma parcela da sociedade quer ser representada pelo artista popular devemos aceitar e aplaudir. Infelizmente, o mundo não é feito apenas de palhaços Tiriricas e o mesmo estado que elege a

troça, elege Paulo Maluf, que resiste às tentativas de prisão com desenvoltura, ri da cara do Ministério Público e segue movimentando sua dinheirama como se fosse dotado do poder de tornar toda corrupção invisível. Um dos campeões nacionais de processos, Maluf, continua imbatível junto ao eleitorado do 2º maior colégio eleitoral do país e, se a justiça não tiver força ou vontade suficiente para barrar sua candidatura, retornará ao parlamento brasileiro com aquele largo sorriso de dentes sempre brilhantes.

Outros caciques da política nacional não tiveram a mesma sorte e foram retirados de cena não por algum passe de mágica ou decisão judicial, mas pela vontade soberana dos eleitores: Tasso Jereissati, Arthur Virgílio, Jarbas Vasconcelos, Fernando Collor e outros tantos Brasil afora.

As urnas também revelaram a nossa persistente desigualdade de gênero, pondo a nu não apenas boa dose de preconceito, mas, e principalmente, o descaso com que os partidos políticos tratam os não machos. A Lei de Cotas não foi respeitada e as candidatas, a julgar pelo número de eleitas, foram tratadas de modo desigual. Apenas oito mulheres foram eleitas para o Senado, de um total de 56 vagas. Para a Câmara dos Deputados, apenas 44 deputadas (ou 45, a depender de recurso em julgamento) foram eleitas, de um total de 513 vagas. Contabilizando as eleitas para as Assembléias Legislativas em todo o Brasil, de um total de 1059, foram eleitas somente 136 mulheres. Ou seja, o parlamento brasileiro continua sendo um reduto masculino, o que empobrece sobremaneira a representação, já que as mulheres somam mais de 51% do eleitorado.

Quando o debate entre as candidaturas à Presidência esquentou, parecia que ninguém estava se importando com os custos de um embate tão ferrenho, tão às antigas. Partidos e candidatos nos deixaram com a estranha sensação de que no embate eleitoral tudo é “canela” - não a árvore, mas a parte da perna humana”. Lembrou-nos ligeiramente as famosas peladas de final de semana, só que sem a alegria e a camaradagem. No futebol do pé descalço, findo o jogo, independente do resultado, todos se deixam envolver numa comunhão de sorrisos e abraços fraternos. E no Brasil de eleição a ferro e fogo, o que podemos esperar daqui pra frente?

Ressuscitaram o fundamentalismo religioso, repuseram bispos e pastores na mesa do processo decisório, abriram as portas do Estado para o mandonismo de representantes não eleitos. Será que José Serra está consciente do monstro de sete cabeças que ajudou a despertar? Será que Dilma Rousseff está consciente das

armadilhas ideológicas e procedimentais que podem estar contidas em uma singela “cartinha ao povo brasileiro”? As inquietações nos tiram o sossego. Reeleito o PT ou eleito o PSDB, quem vai assumir o Ministério da Saúde para garantir que o SUS recuse atendimento às mulheres aborteira: algum arcebispo católico, algum profeta evangélico? Como os eleitos vão praticar o discurso preconceituoso do período eleitoral: vão reformar a Constituição? Prender gays, lésbicas e toda a comunidade Gays, Lésbicas, Transexuais, Transgêneros e Bissexuais - GLTTB? Fazer retroceder as adoções já autorizadas para casais homossexuais e mandar as crianças adotadas de volta para os abrigos? Que democracia é esta que exclui e amordaça as minorias, sem ao menos abrir espaço para o livre debate, para que todas as partes se façam ouvir?

Vencer é muito bom, dá prazer, prestígio, honra e glória. Mas o que fazer com os pesados custos de uma vitória arrancada na base de mentiras, de pequenas e grandes trapanças, de alianças as mais esquisitas já vistas? Para além de 2010, como serão construídos os programas de governo dos futuros candidatos? Terão que passar pelo crivo de lideranças religiosas, ou os candidatos vão querer correr o risco de cair nas garras do fundamentalismo cristão?

E a ditadura dos “marketeiros”, existe ou não? Até onde vai a possibilidade de criar e recriar personagens, cenários, plataformas e programas de governo? Com a palavra, um velho e sábio escriba:

“A um príncipe, portanto, não é essencial possuir todas as qualidades mencionadas, mas é bem necessário parecer possuí-las. Antes, ousarei dizer que, possuindo-as e usando-as sempre, elas são danosas, enquanto que, aparentando possuí-las, são úteis; por exemplo: parecer piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e sê-lo realmente, mas estar com o espírito preparado e disposto, de modo que, precisando não sê-lo, possas e saibas tornar-te o contrário. Deve-se compreender que um príncipe, e em particular um príncipe novo, não pode praticar todas aquelas coisas pelas quais os homens são considerados bons, uma vez que, freqüentemente, é obrigado, para manter o Estado, a agir contra a fé, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. Porém, é preciso que ele tenha um espírito disposto a voltar-se segundo os ventos da sorte e as variações dos fatos o determinem e, como acima se disse, não apartar-se do bem, podendo, mas saber entrar no mal, se necessário. (Maquiavel, p. 102-3, 1994).

Quando escreveu suas obras, a imaginação fértil de Maquiavel não podia alcançar algo como o Brasil, republiqueta alçada à condição de uma das maiores potências do mundo por um príncipe pouco alfabetizado, oriundo da mais rude plebe, um país onde a cada dois anos milhões de cidadãos têm a oportunidade de pactuar novos acordos com seus príncipes e princesas. O grande mestre do realismo político também não teria como imaginar que a plebe poderia ser alcançada de modo rápido, fácil e amplo por meio de ferramentas tão incríveis como TV e internet. E mais, quem poderia supor que ouvindo meia dúzia de cidadãos alguém pudesse garantir ao príncipe se é mais amado ou mais odiado?

Algumas das novidades de 2010 poderiam ser consideradas envelhecidas, não fossem o debate e os enfrentamentos surgidos a cada *round*: as pesquisas eleitorais são falsas? E os meios de comunicação, são neutros, ou vez por outra trabalham para derrubar os candidatos que não lhes são convenientes? Pesquisas e mídia influenciam a decisão dos eleitores de modo a produzir um determinado resultado eleitoral? Não há evidências comprobatórias, dizem os proprietários de institutos de pesquisa, de rádios, jornais, revistas semanais e TVs.

No caso das pesquisas é fato que os diversos institutos de opinião são contratados pelos partidos políticos e, vez por outra, surgem casos de amostras viciadas, de sondagens cujos resultados se mostram completamente dissonantes da vontade popular depositada nas urnas eleitorais. Mas os candidatos não podem reclamar, pois, quando os percentuais obtidos nas sondagens de opinião são positivos, tratam isto como se já fosse a vitória obtida nas urnas. Tudo vira propaganda e o que é bom, todo mundo fatura.

Quanto à mídia, em pleno século XXI os donos do poder no Brasil ainda conseguem emplacar o discurso da censura ante qualquer desafio ao enigma da neutralidade. Entre os eleitos governadores, senadores ou deputados federais e estaduais, 61 são proprietários de empresas de comunicação. Nos estados, diversas afiliadas de grandes redes como Globo, SBT, Record e Band estão nas mãos de políticos.

Concluindo, 2010 vai certamente marcar a história das eleições livres no Brasil, por exemplo com a participação de Lula, Presidente reeleito e cabo eleitoral de peso com participação ativa em todas as eleições presidenciais desde 1989. Pela primeira vez, temos mulheres candidatas ao cargo de maior envergadura e disputando palmo a palmo um espaço político dominado pelo comportamento masculino/machista.

Oxalá o suposto de Mandeville seja possível e que alguns dos vícios privados de nossos atuais e futuros governantes possam realmente se tornar virtudes públicas, mas sem exageros que impeçam a livre realização de um país democrático.

**Bibliografia:**

<[www.maismulheresnopoderbrasil.com.br](http://www.maismulheresnopoderbrasil.com.br)> Acesso em ago. 2010

<[www.cfemea.org.br/](http://www.cfemea.org.br/)> Acesso em ago. 2010

MACHIAVELLI, Niccolo. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994, 17. Ed. Tradução de Roberto Grossi.

<[www.fndc.org.br](http://www.fndc.org.br)> Acesso em ago. 2010

MANDEVILLE, Bernard, 1714, *A Fábula das Abelhas*. Disponível em: <[www.braudel.org.br/publicacoes/bp/bp05\\_pt.pdf](http://www.braudel.org.br/publicacoes/bp/bp05_pt.pdf)>, <[www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/f-g-h-i/a-fabula-das-abelhas-de-mandeville.html](http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/f-g-h-i/a-fabula-das-abelhas-de-mandeville.html)>. Acesso em: ago. 2010.